



IRÃ

Início da visitação pública à cerimônia fúnebre do aiatolá Ali Khamenei coincide com o Dia da Independência “americana”. Solenidades se estenderão até 9 de julho, quando o líder supremo será sepultado em sua cidade natal, Mashhad

Funeral em tom de desafio aos EUA

» RODRIGO CRAVEIRO

A data não foi escolhida por acaso: 4 de julho. No Dia da Independência dos Estados Unidos, o Irã começa oficialmente os funerais públicos do aiatolá Ali Khamenei. Ontem, os caixões com os corpos dele e de familiares — inclusive da neta Zahra Mohammadi Golpayegani, de 14 meses — foram expostos pela primeira vez na Grande Mosalla, um complexo religioso onde são realizadas as tradicionais orações de sexta-feira, em Teerã. “Teu nome permanecerá eterno nesta terra de outro”, estampava um cartaz colocado no local, em referência à autoridade máxima iraniana.

As cerimônias fúnebres, que devem reunir entre 15 milhões e 20 milhões de participantes somente na capital, terão duração de seis dias. A despedida de Khamenei é uma exibição de força e de resiliência depois dos sucessivos ataques realizados pelas forças dos Estados Unidos e de Israel.

Enquanto o Irã velava o guia supremo iraniano morto em um bombardeio israelo-americano em 28 de fevereiro, o presidente dos EUA, Donald Trump, visitava o Monte Rushmore, em Dakota do Sul, onde estão esculpidos os rostos dos antecessores George Washington, Thomas Jefferson, Theodore Roosevelt e Abraham Lincoln.

Em Teerã, os holofotes voltaram-se ontem para Ahmad Vahidi. Foi a primeira aparição em público do chefe da Guarda Revolucionária, o exército ideológico do regime iraniano. Uma fotografia enviada pela agência de notícias Fars mostrou Vahidi com a mão sobre o caixão de Khamenei, rezando por alguns minutos.

Ele sucedeu Hossein Salami e Mohammad Pakpour, ambos mortos em ataques aéreos no início da guerra. Em declaração à televisão estatal do Irã, Vahidi enviou um recado aos americanos. “Eles precisam saber que o sangue puro do nosso imã mártir marcará mais um ponto de virada nos triunfos do amado islã em toda a arena global. Levarão para o túmulo o desejo de ver esta nação se render. Esta nação se elevará cada vez mais, dia após dia, graças a esse sangue puro”, declarou. Na segunda-feira, o cortejo com o caixão de Khamenei sairá às ruas de Teerã e chegará, na terça-feira, a Qom — cidade sagrada para o islamismo. O aiatolá será sepultado

Atta Kenare/AFP



Autoridades locais e estrangeiras diante de caixões de Khamenei e familiares, na Grande Mosalla, complexo religioso de Teerã

em 9 de julho, em Mashhad (nordeste), sua terra natal.

Na quinta-feira, o regime iraniano advertiu aos “inimigos do Irã” que “evitem qualquer erro de cálculo”, ao prometer uma dura retaliação a qualquer ameaça ou agressão externa. Há o temor de que Trump aproveite o Dia da Independência americana para realizar ataques aéreos contra o país persa, em uma demonstração de poderio bélico.

Professor de relações internacionais da ESPM, Gunther Rudzit disse crer que Trump não deverá escalar a crise com o Irã durante o funeral. “Ele pretende deixar uma dura retaliação a qualquer ameaça ou agressão externa. Há o temor de que Trump aproveite o Dia da Independência americana para realizar ataques aéreos contra o país persa, em uma demonstração de poderio bélico.

Para Rudzit, a escolha do 4 de julho para o início da visitação pública ao funeral de

khamenei.ir/AFP



Ahmad Vahidi, chefe da Guarda Revolucionária, inclina-se diante da urna do guia supremo e faz uma oração

Khamenei apenas coincide com um feriado xiita. “Entendo muito mais como uma data religiosa do que, efetivamente, a intenção de provocar os Estados Unidos”, observou o estudioso.

Em entrevista ao **Correio**, Abdollah Nekounam Ghadirli, embaixador da

República Islâmica do Irã no Brasil, afirmou que a presença massiva e sem precedentes de iranianos no funeral de Ali Khamenei estampa o fracasso dos governos dos Estados Unidos e de Israel (leia Duas perguntas para). O diplomata prevê que a morte do guia supremo iraniano fortalecerá o Irã.

Filho e sucessor

Autoridades do regime persa compareceram em peso à Grande Mosalla para um tributo a Ali Khamenei. Entre elas, estavam o presidente Masoud Pezeshkian e o líder do Parlamento e chefe da equipe de negociadores, Mohammed Bagher Ghalibaf. Uma das expectativas é se o novo guia supremo, Mojtaba Khamenei, filho do falecido aiatolá, renderá homenagens ao pai pessoalmente. Rumores dão conta de que Mojtaba teria ficado desfigurado no bombardeio que matou sua família.

Duas perguntas para...

Carlos Vieira CB/DA Press.



ABDOLLAH NEKOUNAM GHADIRLI, embaixador da República Islâmica do Irã no Brasil

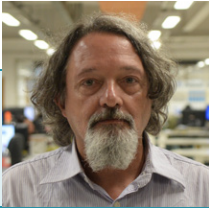
Que mensagem o Irã transmitirá aos EUA e ao mundo coma despedida de seu líder supremo?

A mensagem transmitida por este imenso e histórico cortejo fúnebre é a firmeza do povo iraniano em defender a visão e a estratégia do líder mártir. Essa concentração sem precedentes representa um grande fracasso para os regimes dos Estados Unidos e de Israel; eles haviam perpetrado o covarde assassinato do líder mártir, acreditando que isso desviaria o povo iraniano e seu governo do caminho rumo à independência. O mártir Khamenei é agora ainda mais poderoso e influente do que foi durante sua vida. Ao longo de seus 37 anos de liderança, ele traçou um roteiro para o Irã que abrange pelo menos o próximo século. A continuidade desse caminho foi solidamente consolidada por seu martírio. Depois do martírio de Khamenei, o Irã emergirá mais forte e muito mais influente no cenário global.

Há algum simbolismo no fato de o funeral ocorrer no 4 de Julho?

Certamente não há conexão. No entanto, se fosse possível estabelecer uma conexão, ela seria a de descrever a vitória de uma civilização — antiga, autêntica e brilhante — sobre um ator com 250 anos de história. (RC)

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.DF@GMAIL.COM

História em 10 movimentos

Ao longo de 250 anos, os Estados Unidos construíram a trajetória de uma ex-colônia europeia que emergiu para a posição de superpotência global. Essa história pode ser resumida em uma sequência de etapas.

Peregrinos

A saga começa em 1620, quando pouco mais de 100 peregrinos puritanos, perseguidos na Inglaterra pela Igreja Anglicana, partiram de Southampton a bordo do navio Mayflower e desembarcaram em Plymouth, no Cabo Cod, no atual estado de Massachusetts. Com base no ideal de liberdade religiosa e política, os pioneiros estabeleceram as primeiras 13 colônias que, 150 anos mais tarde, viriam a ser o núcleo dos Estados Unidos, primeiro Estado independente das Américas.

“Nós, o povo”

A Revolução Americana, inspirada nos ideais do Iluminismo europeu, em especial da França, triunfou em 1776. Seu marco inicial é a Declaração de Independência, escrita principalmente pelo filósofo

iluminista Thomas Jefferson. A Constituição republicana dos EUA foi proclamada um ano mais tarde e recebeu, até hoje, 33 emendas. Fincado nos princípios da democracia e do primado dos direitos humanos, o texto tem o preâmbulo iniciado por um enunciado célebre e, até hoje, sem paralelos: “Nós, o povo...”

Doutrina Monroe

Pouco mais de um século mais tarde, no início dos anos 1800, a jovem república americana se apresenta como “padroeira” dos novos países instituídos nas Américas, em desafio ao colonialismo europeu. Os EUA estão entre os primeiros países a reconhecer, por exemplo, a independência do Brasil. Em 1824, o presidente James Monroe enuncia uma doutrina, que leva seu nome, afirmando de maneira dupla: “A América para os americanos”. Em nome dela, os EUA viriam a combater o colonialismo europeu, culminando com a guerra hispano-americana, na virada para o século 20, que resultaria na libertação da última colônia espanhola: Cuba seria estabelecida quase como um protetorado.

Guerra Civil

O desenvolvimento e a afirmação da república norte-americana tem um momento crítico em meados do século 19, quando o presidente Abraham Lincoln, representante da ascendente burguesia industrial do nordeste do país, foi eleito em 1860 com uma plataforma que previa o fim da escravidão. As oligarquias agrárias do sul, opostas à medida, rebelam-se no ano seguinte contra o governo federal. A abolição é decretada em 1863 por Lincoln, que viria a ser assassinado em 1865, um mês depois da rendição dos rebeldes sulistas.

Corrida ao Oeste

A Guerra da Secessão, como ficou conhecida, coincidiu com a notícia da descoberta de importantes reservas de ouro no Oeste do território norte-americano, em especial no atual estado da Califórnia. Segue-se a migração em massa de colonos, que teria impacto definitivo na constituição do que conhecemos hoje como os EUA. A expansão inclui a implantação de

linhas ferroviárias e novas cidades, processo retratado no cinema do século 20, sob a rubrica do Western. À parte o avanço da colonização e a riqueza que proporcionou, a Corrida do Ouro se associa ao genocídio dos povos indígenas.

Superpotência

Na esteira do desenvolvimento industrial, concentrado no leste e centro-oeste, os EUA se afirmam como potência mundial ao longo do século 20. Entre 1939 e 1945, dividem com a União Soviética e o Reino Unido o comando da aliança contra o eixo nazifascista (Alemanha-Itália-Japão) na 2ª Guerra Mundial. Emergem como vitoriosos, ao lado da URSS, com quem passam a rivalizar pela hegemonia internacional, no conflito conhecido como a Guerra Fria. Em 1991, com o fim do bloco socialista e da URSS, buscam estabelecer a hegemonia global.

Vietnã

Ponto alto do confronto entre as duas superpotências saídas da 2ª Guerra, a ex-Indochina francesa toma-se foco de um conflito em que a independência da ex-colônia francesa se mistura à disputa EUA-URSS. No início dos anos 1960, John F. Kennedy começa o envolvimento dos EUA, com o

envio de assessores militares. Nos 15 anos seguintes, entrarão no conflito meio milhão de soldados norte-americanos. Em 1973, sob protestos em massa, Richard Nixon encerra a participação dos EUA na guerra. Dois anos depois, o Vietnã é reunificado sob o governo comunista do norte. A Guerra do Vietnã pauta a radicalização política dos anos 1960, marcada pelos assassinatos de JFK e do irmão, Bob Kennedy, e do reverendo Martin Luther King, figura de proa do movimento pelos direitos civis da população negra.

Supremacia em disputa

Os EUA entram no século 21 ensaiando a condição de potência mundial hegemônica, com o fim da URSS. Nessa condição, conduzem a segunda invasão ao Iraque de Saddam Hussein, que já tinham combatido em 1991, interveem nas guerras de secessão da hoje extinta Iugoslávia e proclamam a “guerra ao terror”, em 2001, em resposta aos atentados terroristas de 11 de setembro. Paralelamente, porém, assistem à ascensão impetuosa da China, que se perfila como adversário direto na economia global e, progressivamente, se afirma também como potência industrial, tecnológica e militar — com influência crescente em todos os quadrantes do globo.